

Marilene Felinto: uma escrita antifascista e contracolonial

Marilene Felinto: anti-fascist and counter-colonial writing

Alexandre Fernandes

Instituto Federal de Educação e
Tecnologia (IFBA) | Porto Seguro | BA
BR
alexfernandes@ifba.edu.br
<https://orcid.org/0000-0002-1556-4373>

Resumo: Dispomos uma análise geral de vinte e três artigos de opinião e quatro resenhas de autoria de Marilene Felinto, publicados de fevereiro de 2023 à setembro de 2024 na Gama Revista, publicação do grupo Nexo Jornal e do sítio eletrônico Universo Online (UOL). Utilizamos metodologias contracoloniais para a análise de dados (Spyer Dulci, T. M.; Rocha Malheiros, M., 2021; Fernandes, 2023), interessados em problematizar como a autora, rasura processos de subjetivação coloniais e que lugar reserva em sua escrita para a episteme dominante e para os saberes contra hegemônicos. Como resiste à colonialidade e suas técnicas de expropriação de vantagens políticas e econômicas? Inferimos que, o *corpus* de pesquisa estudado acolhe vozes historicamente silenciadas e desafia o cânone branco-patriarcal, questiona a mídia comercial macho-branca e se insurge contra a vergonhosa concentração de renda. Antifascista e contracolonial, a escrita de Felinto – mulher, negra e esquerdista, como se descreve – é relevante peça de análise crítica acerca da realidade brasileira. Poética e irônica, ecoa lutas atuais, antirracistas, anticapitalistas, feministas e ecológicas, contesta a transparência da realidade social, a promiscuidade entre as grandes corporações neoliberais e a política moderno-colonial. Sobretudo, na contramão de uma vida burocrática e egocentrada, ao colocar em pauta lutas e sonhos de sujeitos dissidentes, sua escrita crítica e ácida reencena a poética necessária para reinventar a vida.

Palavras-chave: Marilene Felinto; poética contracolonial; escrita antifascista.

Abstract: We present a general analysis of twenty-three opinion articles and four reviews by Marilene Felinto published in Gama Revista, a publication of the Nexo



Jornal Group and the Universo Online (UOL) website, between February 2023 and September 2024. We used countercolonial methodologies to analyse the data (Spyer Dulci, T. M.; Rocha Malheiros, M., 2021; Fernandes, 2023), interested in problematising how the author erases colonial processes of subjectivation and what place she reserves in her writing for the dominant episteme and for counter-hegemonic knowledges. How does it resist coloniality and its techniques of dispossession for political and economic gain? We conclude that the corpus of research studied welcomes historically silenced voices and challenges the white patriarchal canon, questions the white male commercial media and protests against the shameful concentration of income. Anti-fascist and counter-colonial, the writing of Felinto a woman, black and leftist, as she describes herself - is an important piece of critical analysis of Brazilian reality. Poetic and ironic, it echoes current anti-racist, anti-capitalist, feminist and ecological struggles, questioning the transparency of social reality, the promiscuity between large neoliberal corporations and modern/colonial politics. Above all, against the backdrop of a bureaucratic and self-centred life, by putting the struggles and dreams of dissident subjects on the agenda, her critical and acidic writing re-enacts the poetics needed to reinvent life.

Keywords: Marilene Felinto; countercolonial poetics; anti-fascist writing.

1 Contra a farsa conciliatória

Nascida no Recife, em 1957, oriunda da Vila Poti, uma vila de casas de fábrica de cimento da família Ermínio de Moraes, a escritora e tradutora Marilene Felinto atua no jornalismo. Sua mãe, Alaíde, advinda do sertão da Paraíba, hoje aposentada, trabalhou como auxiliar de enfermagem; seu falecido pai, Mariano, foi operário na referida fábrica no Recife.

Bacharel em Letras pela Universidade do Estado de São Paulo (USP) e mestre em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), onde apresentou dissertação intitulada “Autobiografia de uma escrita de ficção”, posteriormente publicada em livro: *Autobiografia de uma escrita de ficção. Ou: por que as crianças brincam e os escritores escrevem* (Felinto, 2019), é autora de mais de 10 obras literárias, dentre elas *As mulheres de Tijucopapo* (Felinto, 1982) – premiada como melhor romance inédito da União Brasileira de Escritores,

em 1982 e vencedora do prêmio Jabuti na categoria “Autor Revelação”, em 1982 –, seu livro mais recente é a coletânea de contos editada pela Fósforo, em 2022, *Mulher Feita*.

Por doze anos, trabalhou para a Folha de São Paulo. Em 1990, jovem, recém saindo da universidade, entrou no jornalismo a convite de Otávio Frias, diretor de redação daquele periódico, com quem se desentendeu após ser questionada acerca de uma coluna sobre Luís Inácio Lula da Silva e ter a sua periodicidade reduzida de semanal para quinzenal.

O ocorrido se deu em novembro de 2002. Felinto foi chamada à sala do diretor de redação, acusada de proselitismo político e de ter afrontado o jornal em sua coluna de opinião, no então caderno Cotidiano. Felinto ousou festejar a vitória do também pernambucano, Lula à presidência, conquanto o jornal apoiava o perdedor, à época, José Serra (Felinto, 2019, p. 75).

Após sua saída, produziu artigos para a Revista Caros Amigos, periódico de cunho alternativo, lançado em abril de 1997. Retornou à Folha em 2019, sendo dispensada em dezembro de 2022, por “diferença ideológica”. Àquele momento resenhou “Orfeu e o Poder”, livro de Michael George Hanchard, “obra-chave sobre as relações raciais no país e a história do movimento negro brasileiro”, e escreveu, logo de início, entre parênteses:

(Esta é minha última resenha neste jornal. Fui tirada daqui por diferença ideológica. E para galhofa e satisfação de todo tipo de gente covarde que pediu minha cabeça: do capitalista bruto ao banqueiro deslumbrado, do comerciante pseudointelectual ao leitor racista e aos fascistas diversos, de subterrâneo e de superfície. Dia desses revelo o nome deles todos. Ouço latidos de mentiras e cinismo por todo canto. A caravana sou eu, mas que não passo simplesmente: avanço. Não me vendo. Não me calo (Felinto, 2023a, n.p.).

A correlação entre a caravana que avança e os latidos cínicos de fascistas, banqueiros e racistas aponta para uma mulher que luta pelo seu direito de pensar e escrever. E não se trata apenas de escrever, mas de se posicionar pelo “avanço democrático que seja radical” (Felinto, 2023a, n.p.), ou seja, para Felinto é fundamental desenvolver uma práxis – ação e reflexão – que leve à contestação e à insurreição radical.

Opondo-se a uma vida produtivista e assentada no lucro, na contramão de uma vida fascista, qual seja aquela que ignora a luta pela vida e coloca em curso a “vida para a luta” (Eco, 2018, p. 52), Felinto elaborou através de sua escrita relevante peça de análise crítica acerca da realidade brasileira. Poética e irônica, contundente e ácida, não escreve “autoajuda para grã-fino, coisa de certa espécie de ‘filósofos’ e psicanalistas midiáticos” (Felinto, 2023b, n.p.). Antifascista e contracolonial, rasura uma sociedade patriarcal, sexista, machista e misógina como a nossa, ecoa lutas atuais, antirracistas, anticapitalistas, feministas e ecológicas.

Certamente, o estilo de Felinto deve ter-lhe prejudicado as finanças e causado dissabores ao longo da vida, sendo, por exemplo, afastada da Folha de São Paulo.

[...] desconfio que me tiraram da publicação – navio mercante vazio e sem rumo –, também para dar lugar (ou mesmo manter) ali um ou outro negro ou negra comportados, subservientes, de texto mais ou menos medíocre, que preservem a fachada de inclusão. Sobre essa fachada, que o diga a filósofa e ativista da causa

negra Sueli Carneiro, ela que, mal entrou, já caiu fora do conselho editorial do jornal, ao perceber a farsa conciliatória (Felinto, 2023c, n.p.).

Para o presente texto, efetuamos uma análise geral de vinte e três artigos de opinião e quatro resenhas de autoria de Marilene Felinto. Esses textos foram publicados de fevereiro de 2023 a setembro de 2024 na Gama Revista e estão disponíveis no sítio eletrônico Universo Online (UOL) do grupo Nexo Jornal. Procedemos aqui a uma leitura cerrada de textos da autora, cujo objetivo, respeitando as dimensões do presente artigo, por um lado, é alcançar o maior grau de familiaridade e proximidade com as ideias ali contidas e, por outro, depreender dos escritos analisados, uma poética para reencantar a vida, modos outros de existência e resistência, na contramão de uma crise da capacidade atual de imaginar o futuro.

Em seus textos, utilizando-se de pensadores como Lima Barreto e Clarice Lispector, Sueli Carneiro e Paul B. Preciado, Elizabeth Bishop e Manoel Bandeira, Carlos Drummond e Mário de Andrade, Marilena Chauí e Spike Lee, a autora de *As mulheres de Tijucopapo* (Felinto, 1982), posicionou-se firmemente contra a “eliminação pura e simples dos pobres, [cuja] exploração escravagista dos párias sociais é forma de vida institucionalizada e naturalizada (Felinto, 2023a, n.p.)” no Brasil.

2 Cruzando a fronteira

Por ocasião de sua participação na 17ª Festa Literária Internacional de Paraty – Flip, em entrevista para Guilherme Henrique do *Le Monde Diplomatique Brasil*, Marilene Felinto afirmou escrever por uma necessidade de “elaborar a realidade de uma maneira suportável. Só a realidade como de fato ela é não dá. Mas de onde vem isso? No meu caso, é um trauma” (Henrique, 2019, n.p.).

Contextualizemos, a família Felinto – pai, mãe e cinco filhos, sendo quatro mulheres e um rapaz –, mudou-se para São Paulo no final de 1968, tendo a escritora, àquela época, 11 anos de idade. Felinto não gostava da língua, do clima, da comida paulistana e, bater em retirada das praias de Boa Viagem para o Brás em São Paulo, pareceu-lhe uma loucura de seu pai.¹ A escrita de Felinto – que se confunde, para além do estético e do representativo, com um ritual, uma forma de estar no mundo e existir –, busca elaborar o mal-estar dessa mudança e a diferença – entre pobres e ricos, mulheres e homens, pretos e brancos, com ênfase na diferença de classe social.

É que minha questão também é de classe, para não citar a questão de cor de pele, a que também chamam de raça, para não citar que ambas aqui no meu caso e no

¹ O romance *As mulheres de Tijucopapo* (Felinto, 1982) permite a leitura de elementos biográficos da vida de Marilene Felinto. Entre sentimentos ambíguos e contraditórios, perdas, medos e desencontros; entre gagueira e emudecimento, utilização de língua estrangeira e certo desejo de não ser compreendida completamente, Rísia, a protagonista, busca um possível encontro consigo mesma. Em sua jornada de retorno à Tijucopapo, Rísia quer descobrir por que há tanta injustiça e desigualdade, quer se reconectar com suas ancestrais, Amazonas cavalegando sem sela, “paisagem revolucionária de mulheres guerreiras... Mulheres na defesa da causa justa” (Felinto, 1982, p. 80). Tijucopapo é referência ao distrito de Tejucoapapo em Goiana, Pernambuco. Fica a 66 km de Recife e remonta a história de mulheres guerreiras, hoje tratadas como heroínas que repeliram invasores holandeses no século XVII.

caso da maioria dos brasileiros não se separam. São estigmas que caminham juntos há séculos (Flip, 2019).

Convidada para a 17ª FLIP, por Fernanda Diamant,² curadora e viúva de Otávio Frias Filho, não se furtou a criticar o racismo presente no ensaio seminal de Euclides da Cunha, escritor homenageado naquela edição. Militar que ele era e comprometido com o exército, interpretou o homem brasileiro “imbuído da ideologia racialista do racismo científico de sua época, afeito a querer provar cientificamente que a raça branca é superior aos negros e aos mestiços” (Flip, 2019).

O racismo científico dos fins do século XIX ecoa ainda hoje e a representação racista, como é de conhecimento comum, não descansa. A despeito das lutas antirracistas, há quem chame uma pessoa negra de “macaco”, o que, “para além da violência da desumanização, é restituí-la ao *status* de escravo marcado a ferro quente, em público, hábito do colonizador branco” (Felinto, 2023c, n.p.).

Em “Um espetáculo macabro”, Felinto (2023c, n.p.) denuncia o circo do racismo à brasileira promovido para o “respeitável público branco”, parte do qual “talvez sinceramente se comova com fatos como esse, não tem noção, porém, de como isso afeta uma pessoa negra”. As violências contra pessoas negras, sejam os assassinatos, sejam as ofensas racistas contra jogadores de futebol, a exemplo do ocorrido com Vini Jr., chamado de chimpanzé por uma “turba europeia branca”, sejam coibições ou constrangimentos desferidos contra um vereador eleito, a exemplo de Renato Freitas, “cassado por ser negro pela Câmara de vereadores de Curitiba, afrontosamente racista, [...] recentemente discriminado pelo racismo institucional bem brasileiro, da Polícia Federal, retirado de um voo e revistado como o único suspeito no avião” (Felinto, 2023c, n.p.), dão a ler o poder político e econômico branco, a máquina de ódio fascista (Tiburi, 2017) e os efeitos da colonialidade.

E o que dizer sobre o perverso, grotesco e criminoso comentário do senador Magno Malta (PL-ES) sobre o caso Vini? O detestável senador reivindicou em plenário a defesa do animal macaco (em vez do ser humano Vini) e recomendou que atletas negros é que devem mostrar que “não têm nada contra branco”! Até onde vai a inaceitável estupidez de um parlamentar? Sei bem o que é ser vítima da inversão, ter a cabeça a prêmio. Enquanto escrevi na Folha de S. Paulo, pediram minha cabeça mais de uma vez: políticos, banqueiros, editores de livros e várias excrescências da direita pseudointelectual e midiática branca. Mulher, negra e esquerdista, apontaram que meu texto cruzava a fronteira delimitada pela branquitude (Felinto, 2023c, n.p.).

Ao dizer que seu texto cruzava a fronteira delimitada pela branquitude, Felinto está rasurando a colonialidade que estabelece divisões raciais e de gênero na organização do trabalho e Estado, nas relações intersubjetivas e na produção do conhecimento. A colonialidade ecoa um “eu-imperial”, um soberano tirânico empenhado em definir os termos da relação de

² A jornalista e editora, Fernanda Diamant (2019, n.p.) defendeu a escolha da convidada: “Considero Marilene Felinto uma grande escritora cuja obra ficcional e jornalística deve ser revisitada e também conhecida por aqueles que não acompanharam sua trajetória até aqui. Em seus textos, Felinto toca em questões de gênero, raça e condição social no Brasil de forma original sem perder atualidade. São histórias ao mesmo tempo líricas e violentas, tristes e cheias de ironia”. A 17ª edição da Flip ocorreu de 10 a 14 de julho de 2019.

poder, por meio de uma inversão, capaz de culpabilizar a vítima – outro nome para uma desonestidade consciente (Tiburi, 2017) –, determinando que a cabeça a prêmio será a da mulher, negra e esquerdista, cujo texto cruzava a divisa. Eles já haviam solicitado “minha cabeça mais de uma vez: políticos, banqueiros, editores de livros” (Felinto, 2023c, n.p.).

A princípio e até aí, nenhuma novidade, porque há tempos é esse o *modus operandi* do genocídio desferido contra os povos negro e indígenas ao longo da história moderno-colonial, haja vista que, o Estado autoritário, a polícia, o branco e o homem cis, os donos do capital têm sido incapazes de abandonar a posição de agressor (Mombaça, 2021). O que Felinto coloca em pauta com seu corpo-escrita e sua cabeça a prêmio é a possibilidade de romper com estigmas urdidos pelo elitismo proliferando narrativas que permitam combater o terror e conceber formas outras de atravessá-lo.

Talvez os poderosos não percebam que atentar contra Felinto, em vez de depreciá-la, aumenta sua potência de existir. Sua vida não está atrelada à axiomática da troca, mas atravessada por afetos e por uma ética que se coadunam com mulheres extraordinárias, como Maria da Conceição Tavares, “economista defensora das finanças públicas em favor dos pobres”; Elizabeth Teixeira, “líder das Ligas Camponesas de Sapé, na Paraíba, nos anos de 1950”; Luiza Erundina, “paraibana que ainda persevera na militância contra a injustiça social e em defesa dos direitos humanos neste país da desigualdade vergonhosa”. Como argumenta Felinto, mulheres como Graça Machel Mandela, Angela Davis, Marilena Chauí e Dilma Rousseff “se sobressaíram, venceram, desafiando regimes totalitários, racistas e necropolíticos” (Felinto, 2024a, n.p.). Daí questionar:

Onde está este mulheril jovem que não fala, que não se mobiliza, que não se mostra, que não luta? Está inerte, acomodado nas redes virtuais, produzindo “vidiotas” (vídeos idiotas, tiktokers), em que expõem suas caras risonhas e suas falas apelativas e oportunistas para se tornarem fenômenos da internet, celebridades ocas, vulgaridades constrangedoras. Cadê a Marcha das Vadias?

Quando morrem as mulheres extraordinárias, nesta era de cabotinismo performático, em que ser é sinônimo de “publicizar”, de virar negócio de marketing, de ter “penetração” no mercado e de operar “comunicação de impacto”, faltará consistência, solidez de pensamento, crítica e autocrítica às atuais gerações de mulheres infláveis, mulheres-produtos midiaticizadas (Felinto, 2024a, n.p.).

A ação decolonial de Marilene Felinto implica exatamente desafiar e superar as estruturas da colonialidade (Mignolo, 2008), na contramão do cabotismo performático, manietado por uma era da aparência, “em que ser significa aparecer até a náusea, autopromover-se, atingir padrões de mercado, tornar-se marca que viralize” (Felinto, 2024a, n.p.). Rasurando os efeitos do “mercado”, da “comunicação de impacto”, problematiza os efeitos da subalternização nos corpos dos sujeitos – “mulheres infláveis”, “mulheres-produtos”. E por que o faz?

Ora, a colonialidade coloca a classe dirigente em nossos interesses. Ela preza por formar nossas subjetividades, reduzir lideranças indígenas e ancestrais ao papel de “simples criaturas”, recrutar mão de obra considerando somente as necessidades da grande economia. Trata os sujeitos subalternizados como corpos colonizados e, sobre nós, a colonialidade insufla um sistema de pseudo-justificativas e de comportamentos estereotipados. Em

resumo, a classe vilipendiada produz riquezas, mas é expropriada de vantagens políticas e econômicas daí decorrentes.

Observações estúpidas e insultos racistas também foram desferidos contra Felinto algumas vezes ao longo de sua vida: “comportamento de lavadeira subdesenvolvida”; “procedimento de empregada doméstica”; “mas você já tem todo o jeito de faxineira mesmo!”, é o que se pode ler em texto ácido e explosivo: “Chinelar, Aprender como faxineira” (Felinto, 2023d, n.p.).

À Flip, fazendo crítica não redentora a Euclides da Cunha, afirmou Marilene Felinto:

Levei anos para superar o estrago do racismo internalizado na mentalidade do brasileiro, tão bem codificado no linguajar culto de Euclides da Cunha e dos sociólogos de seu tempo. Para ser mais precisa então, devo dizer que eu não sou do sertão exatamente, eu sou do mangue de Recife, e comi muito caranguejo para matar a fome que nos perseguia ali nos anos de 1960. Sou do mangue, feita daquela lama que tem cheiro de podridão, mas é fértil. Sou “mestiça do litoral”, conforme a descrição preconceituosa de Euclides da Cunha em *Os sertões*, ele que chamava ali o negro mestiço de “raça bárbara”, “ancestral selvagem”, dentre outros epítetos negativos. Minha presença aqui, e esta fala que vocês, infelizmente, pagaram para ouvir pode destoar assim do que se espera. Mas é que eu não aceito a norma quando ela significa a manutenção, a naturalização da perversidade, da exclusão, da desigualdade social. Levei décadas para superar o complexo de inferioridade resultado da discriminação de raça e de classe. Durante tempos acreditei na minha própria feiura. “Sou feia”, eu me dizia quando menina, me olhando ao espelho. Meu próprio pai, que era metido a branco, me chamava de “marmota”, bicho tido como muito feio pela gente da minha infância. Mas eu sou da praia e do manguezal. Estou sujeita ao regime das marés, águas vem e águas vão, salgadas e doces, esta mistura. Sou da superação (Flip, 2019).

Toda essa violência – “raça bárbara”, “ancestral selvagem”, “marmota”, “Sou feia” – não é mera expressão da linguagem racista, simples xingamentos e exteriorização de repulsa. O racismo é estrutura epistêmica, cognitiva, produção ontológica que facilita a exploração e a identificação com o opressor. Trata-se de um sistema hierárquico que divide a humanidade em superiores e inferiores mediante um sistema de marcas e estigmas, repercute em como entendemos o humano e o humanismo; o desprezível e o honroso; incute nos sujeitos negros o auto ódio, a baixa autoestima e problemas psíquicos de identificação (Fanon, 2020).

Em artigo de fevereiro de 2023, contrapondo-se à crueza da guerra cotidiana no Brasil, hostil à mulher, ao pobre, ao estrangeiro, em meio aos desastres das chuvas que afetaram São Sebastião, município de São Paulo, questionou por que não tocaram as sirenes naquela cidade. Ora, sequer havia sirenes, mas a prefeitura sabia desde 2014 o que poderia ocorrer. Os riscos foram ignorados e as autoridades não alertaram a população sobre o perigo iminente. Felinto nos conta em seu artigo, “Das chuvas de fevereiro, ficou um mar de lágrimas” (Felinto, 2023a), ter chorado ao ouvir “o sotaque nordestino de um morador sobrevivente”, o qual disse a um canal de TV, não ter como sair dali porque ali era o lugar do trabalho dele. “E sem meu trabalho, eu vou para onde?” (Felinto, 2023a, n.p.).

Desalojados, desabrigados, rejeitados, sujeitos cujas vidas precárias (Butler, 2017) “vieram do Nordeste (do Piauí, do Ceará, de Pernambuco)”, para supostamente “melhorar de vida”,

“numa rota de imigração ininterrupta”, são os abjetos, resultado de uma exploração escravagista e neocolonial: o “morro não deixa de ser replicação da senzala” (Felinto, 2023a, n.p.).

A abjeção implica a produção de sujeitos estranhos, excedentes, incoerentes, “fora” da norma e da lei. Ora, o abjeto é aquele que se expele, deve morar no morro e bem distante das áreas arborizadas e ruas asfaltadas. É o excremento, o rejeito, o “não-eu”, resultado da incidência de poder sobre os corpos dos sujeitos, em forma de biopoder, biopolíticas e biopatrolhas (Mombaça, 2011). Capaz de desestabilizar a frágil coerência das regras e a estabilidade social, esse estranho-perigoso faz parte da escória, com seu corpo monstruoso, de presença aberrante e desobediente a marcar outro modo de habitar e enfrentar o mundo (Mombaça, 2021, p. 26).

São os loucos, os vagabundos, os endividados, as prostitutas e todos os tipos de perversos e devassos, os viadinhos, as sapatinhas e mariconas, negros, ladrões, viciados, traficantes, travestis, os estrangeiros, esses cujos corpos constituem ameaça para o fundamentalismo cisgênero e heteropatriarcal, os que devem ser expulsos, para que a fronteira entre o normal e o patológico, ainda que ilusória, faça sentido. Eles apontam para uma diferença com a qual o fascismo não pode lidar, aliás, ele “cresce e busca o consenso desfrutando e exacerbando o natural medo da diferença”, logo, “o primeiro apelo de um movimento fascista ou que está se tornando fascista é contra os intrusos (Eco, 2018, p. 49).

Como se pode perceber, em seus textos, Felinto contesta a suposta transparência da realidade social, a promiscuidade entre as grandes corporações neoliberais e a política moderno-colonial. Para ela, a “modernidade (ou democracia e igualdade) é uma ilusão” (Felinto, 2023e, n.p.).

As desigualdades sociais promovidas pela sanha capitalista e engrossadas pelo neoliberalismo, cuja “elite” econômica “atua como se não soubesse que quanto mais desigualdade, maior a violência e a criminalidade” (Felinto, 2023f, n.p.), precarizam a vida dos sujeitos subalternizados: potencializam a exclusão de corpos dissidentes, aumentam a percepção da vulnerabilidade física de certo grupo de pessoas, o que incita o desejo de destruí-las. Daí sua crítica contumaz aos milionários que “saem comprando seus imóveis nos Estados Unidos ou na Europa e ficam de lá amaldiçoando os índices de violência e pobreza do Brasil, tratando o país como terra de brutos, e como se eles, os endinheirados, não tivessem nada a ver com a injustiça social e a miséria (Felinto, 2023a, n.p.)”.

Chamando nossa atenção para os traumas do racismo e suas marcas nas subjetividades de pessoas negras, a escritora pernambucana advogou em torno do “legítimo e ancestral desejo de vingança contra a permanente caçada que segue selando a condição dos negros mundo afora” (Felinto, 2023c, n.p.). De que caçada trata e por que os sujeitos historicamente humilhados haveriam de se indignar?

Ora, não foi Maria Bernadete Pacífico, a mãe Bernadete, uma senhora de 72 anos de idade, ialorixá, ativista e líder quilombola brasileira, assassinada com 12 tiros, a mando de um líder do tráfico de drogas na região do Quilombo Pitanga dos Palmares, em Simões Filho, região metropolitana de Salvador?

Morta com doze tiros na noite de 17 de agosto último, aos 72 anos, dentro de sua casa e ao lado dos netos, Maria Bernadete Pacífico atuava em defesa dos direitos dos povos de quilombo e terreiro, como liderança do Quilombo Pitanga dos Palmares, em Simões Filho, a 27 quilômetros de Salvador.

Um choque a brutalidade desse crime, ainda mais porque Bernadete era uma mulher negra tão parecida com a mãe, a tia ou a avó da gente brasileira preta e pobre – a mãe cuidadora, lutadora pelos direitos de seus filhos e de seu povo, pela

defesa de seus territórios contra as injustiças e a violência de ontem e de hoje. Ela recebia ameaças frequentes de grupos ligados à especulação imobiliária e à extração ilegal de madeira na região de seu quilombo, que é Área de Proteção Ambiental (APA), os quais ela denunciava.

[...] E o recado do fascismo para Mãe Bernadete foi claro: não ouse, não se meta, não pense que é branca ou tem direitos como gente branca e poderosa, cale a boca, não se envolva com autoridade. O recado fascista é completo, fundado no racismo de cor, na misoginia, na violência política e de gênero, no racismo ambiental e no preconceito religioso (Felinto, 2023g, n.p.).

O filho de Mãe Bernadete, Flávio Gabriel Pacífico dos Santos, também foi assassinado há seis anos, com 14 tiros. Até hoje o crime está sem solução. Estas mortes e o modo como o luto é produzido, representam uma resposta afetiva regulada por regimes de forças (Butler, 2017), são representativas da extrema desigualdade brasileira, das violências e dos “espetáculos macabros” que nos assolam. Para Marilene Felinto (2023c, n.p.), “enquanto o poder político e econômico (o banco, a mídia, o latifúndio) se mantiver essencialmente branco, seguirá quebrando as pernas dos negros, em especial no Brasil”. Logo, afirma:

no Brasil, bom mesmo é ter nascido branco, ser branco, ter nas mãos a justiça que vai julgar quem é quem, ter no bolso o dinheiro que põe e tira, que diz quem fica e quem sai. Bom mesmo é ser branco, que domina a zorra toda como quer e quando quer. Bom mesmo é ser branco (Felinto, 2024b, n.p.).

3 Escrever: inversão, transgressão

Consoante os estudos de Judith Butler em *Quadros de guerra* (Butler, 2017), Felinto problematiza as condições sociais e os enquadramentos interpretativos que tornam o pranto possível diante de certos tipos de violência. Sabe-se que o luto e a indignação pública são regulados por regimes de força, logo, não é “natural” o modo como sofremos quando grupos distintos são violentados.

Tomemos o caso de Kaique Coutinho do Nascimento, morador do bairro Rádio Clube, na zona noroeste da cidade de Santos, local que abriga parte da maior favela de palafitas do Brasil, e da morte do policial militar Samuel Wesley Cosmo. O enredo segue o padrão nacional:

rapaz de 21 anos, negro, escoltado por policiais ostentando armas pesadas, servia de protagonista à espetacularização da captura, arranjada pela autoridade de segurança pública do estado de São Paulo e reforçada pela cobertura incriminatória que a mídia jornalística faz de casos desse tipo (Felinto, 2024c, n.p.).

Conta Felinto que na voz embargada da mãe – “Kaique, mamãe tá aqui. Você não tá sozinho não” –, percebia-se “um misto de dor e ironia frente à exibição daquele aparato policial de guerra” (Felinto, 2024c, n.p.). A mãe não ignora a farsa dos direitos humanos no sistema penal brasileiro para pobres e miseráveis, desde as invasões arbitrárias às suas residências, a

tortura, a eliminação de seus corpos, o desprezo por suas vidas, a ausência de serviços públicos, a fome e o crime, pois sabe que a sociedade “enquadrada” se cala diante da barbárie autorizada.

Judith Butler produziu uma teoria do enquadramento que nos permite compreender como vidas podem ser perdidas ou pranteadas, lesadas ou dignas de luto. Ela ensina que a esfera da aparição dos sujeitos, seus corpos, suas vidas se dão dentro de certa organização e interpretação políticas. Já Felinto rasura o modo como os marginalizados sociais vivenciam a “ideologia da vingança, da polícia que extermina o inimigo” (Felinto, 2024c, n.p.), numa tática bem conhecida de encorajar membros de grupos oprimidos a se lançarem contra os outros, também negros e historicamente violentados, num procedimento padrão da direita cínica.

Grosso modo, e guardadas as devidas proporções, tanto Marilene Felinto quanto Judith Butler indicam que o sujeito é cultural, ou seja, não há reflexividade ontológica segura e indiscriminada para o sujeito. Toda reflexividade e os modos de inteligir, ou seja, de se compreender, entender, acolher, ler, são construídos mediante jogos e disputas pelo poder que se dão na cultura: o sujeito é constituído em e através de formações de poder/discurso.

A filósofa estadunidense revela os mecanismos do enquadramento (Butler, 2017, p. 16), ou seja, expõe os artifícios que erigem abjeção e repulsa, acolhida e corpos pranteáveis, sem negociar nem se calar diante da exploração cognitiva, psíquica e laboral dos sujeitos estigmatizados, já Felinto não compactua com farsas conciliatórias, nem busca qualquer terceira via.

Ao não consentir com o jogo perverso da mídia corporativa e abdicar do pequeno poder do cargo de jornalista, desvia-se da precarização promovida pelo capitalismo neoliberal, o rebaixamento dos discursos e as armadilhas dos algoritmos das redes sociais, incita seus leitores à autonomia do conhecimento e à transgressão artístico-poética.

Em outros termos, Felinto não cede frente ao atual desencanto “resultante dos dilemas reais de uma vida cheia de burocracia, extorsão e falta de poesia” (Felinto, 2023h, n.p.). Seus textos não foram sequestrados pelo inconsciente burguês, qual seja, aquele que se interessa por apartar trabalho e desejo, reprimindo pulsões e adiando o prazer.

Marilene Felinto caminha de mãos dadas com uma de suas escritoras prediletas, Virgínia Woolf, e não pretende ser famosa, célebre, grande (Felinto, 2023i, n.p.). Seu interesse é não se deixar enquadrar, estereotipar, etiquetar. Ela quer escrever aquilo que lhe dê prazer e colabore para a libertação das mentalidades, a sua inclusive.

A exemplo, aproveitando o mês de março de 2023 para reafirmar e celebrar “nossa condição de mulher, mesmo como ‘ilusão de ser’”, resenhou exposição artística de Ana Quintella, fotógrafa carioca, “ligeiramente incomodada por uma lembrança ruim que eu tinha da Gávea”. Interessou a Felinto no ensaio artístico “a inversão que a fotógrafa faz do lugar de observadora para a posição de observada, de modelo antimodelo, essa transgressão (Felinto, 2023j, n.p.)”. O modelo para as fotos, sempre o mesmo: um corpo de mulher, seminu. As imagens intituladas “Evanescência” I e II, “Ilusão de Ser” I, II, III e IV, concediam espaço para uma ambiguidade poderosa, isto é, na mulher de Ana Quintella, caberia qualquer mulher afirmativa, dona de si mesma.

Felinto não contou à artista, sua amiga de longa data, acerca de seu desconforto com a Gávea.

Naquele bairro, faz anos (naquele estranho Rio de Janeiro), eu tinha estado uma única outra vez, por poucos dias, com um homem americano dos EUA, um caso meu, eu querendo namoro sério, mas o cara, não – encontro frustrante, eu tão ansiosa que, fosse homem, teria brochado, como se diz... (e, na verdade, sempre calculei que não deve ser coisa fácil levantar um pênis, afinal). Não contei à fotó-

grafa essa lembrança de fracasso meu na Gávea (e dane-se quem não me quis). Nem disse como a sua fotografia “Mulher com bambu” me lembrou daquele falo de homem americano (Felinto, 2023j, n.p).

Ao relacionar a fotografia de Ana Quintella com o mês das mulheres, Felinto estava interessada em afirmar a potência de vida das mulheres, seus desejos, frustrações, ilusões, gozos interditados e/ou postos em prática. Ela pretendia escrever sobre mulheres que se foram para sempre, mas seguem vivas. “E começaria com: ‘Inês é morta, mas nós, não. Marielle Franco segue viva’” (Felinto, 2023j, n.p). E seguir viva não é de pouca monta. A sexualidade livre, a alegria, o desejo, o gozo, a potência de vida incomodam por demais, especialmente quando o clima é de ódio e fascismo à espreita, “com suas manifestações bizarras que pedem sangue contra partidos, esquerdas, jovens ativistas, mulheres, homossexuais” (Tiburi, 2017, p. 73).

Também é possível inferir a partir dos textos de Felinto, que não estava em questão escrever autoajuda para a Casa Grande, muito menos ser uma negra burocrática e egocentrada, zelosa dos bons costumes. Sua escrita não esconde o lado pulsional da enunciação: “me lembrou daquele falo”; “dane-se quem não me quis” (Felinto, 2023j, n.p).

É possível refletir, deste modo, em torno de uma espécie de “assinatura Marilene Felinto”, que não ignora a sua história, seu corpo, desejos e sonhos. A escrita de Felinto é toda uma instituição, trata do seu passado e de suas escolhas, escancara suas incongruências, utopias e hipocrisias: “Leitores me disseram que hipócrita sou eu, que continuo a escrever neste jornal depois de mais uma comprovação cabal da pauta deliberadamente racista (contra negros, está evidente) aqui adotada” (Felinto, 2022, n.p.). A forma como se escreve delata o escritor, escancara a sua situação, como queria Roland Barthes (2004, p. 24), porque as escritas são políticas, ainda que em pleno domingo.

Em “Domingo é tempo para as piores conclusões” (Felinto, 2023b, n.p.), tem-se uma outra amostra de sua escrita não condescendente. Entre sarcástica e lírica, produz reflexão metalinguística e existencial: Felinto grafa que domingo é o pior dia da semana porque não há descanso possível. A pessoa pode olhar os dias que se avizinham e pensar em que sua vida se transformou. Quem descansa no domingo? Ninguém, já que a vida se apresenta como uma tarefa caótica e sofrida, ainda que se tenha algum prazer. A profissão pouco importa: “neste mundo da financeirização de tudo, sobra tempo, no domingo, para se concluir que até hoje não se acumulou o capital suficiente” (Felinto, 2023b, n.p.). Se indígena fosse, talvez outra lógica, não permeada pela competitividade e acúmulo de bens, trouxesse acolhida e paz. Mas, a segunda-feira capitalista suplanta o domingo reflexivo:

Na segunda-feira, o dia primeiro da criação, tanto faz produzir uma esquadrilha, uma porta, uma janela... ou um escrito resultado do trabalho abstrato absurdo — e tão concreto quanto um dedo esmagado por um martelo —, um texto resultado da “expansão da atividade intelectual como forma do trabalho subsumido ao capital!”, assim diz a economia. “Subsumido”... que palavra bonita... subsumido e subsumido! (Felinto, 2023b, n.p.).

Posicionando-se ao lado daqueles que “andam de metrô, trem e ônibus”, e são tratados como “vultos assombrosos, delinquentes perigosos” (Felinto, 2023f, n.p.), exatamente por quem

produz a violência, a saber, o Estado e a classe dominante concentradora de renda e de terras,³ coloca em curso uma escrita cuja potência afetiva da linguagem, enuncia, por um lado, discrepâncias entre as mulheres de classes sociais diferentes e a beleza artística capaz de uni-las.

Ora, Marilene Felinto é uma mulher negra e nordestina, cujos ancestrais de sua mãe são, provavelmente, sobreviventes da degola e da tortura a que foi submetida pelo exército a gente preta do arraial de Canudos (Flip, 2019); já Ana Quitelella é branca, carioca, de classe média-alta. Há um abismo de classe que as separa, “transposto por um momento de arte no estúdio. Passei a olhá-la de outro modo, surpresa com suas fotos artísticas” (Felinto, 2023j, n.p.).

Os escritos de Marilene Felinto para a Gama Revista constituem trincheiras contra a lógica do mercado e as explicações fáceis e rasteiras da mídia. Em sintonia com a escritora, artista e ativista, Jota Mombaça, são escritos atravessados por processos necropolíticos históricos e, por isso mesmo, pessimistas. Trata-se, contudo, de um pessimismo vivo, “capaz de refazer indefinidamente as próprias cartografias da catástrofe, com atenção aos deslocamentos de forças, aos reposicionamentos e coreografias do poder” (Mombaça, 2021, p. 111), cuja “atmosfera não é diferente daquela produzida pelo coronelismo do passado, que produzia desejos de vingança e justiça social nos excluídos, como se via na atuação do cangaço” (Felinto, 2023f, n.p.). Mas, por que salta da pena de Felinto esse sentimento de desforra?

Para a escritora, os ricos brasileiros demonstram-se, por um lado, insensíveis à desigualdade social e às humilhações pelas quais são submetidos os subalternizados e, por outro, insistem, à moda de um cinismo racista em perpetrar a desigualdade histórica e a precarização da vida, logo, não é de se estranhar que “esse comportamento esnobe vá gerando ainda mais desprezo e desconfiança entre os das classes populares” (Felinto, 2023f, n.p.).

4 Considerações finais: poética para reencantar a vida

Em sua coluna na Gama Revista, Marilene Felinto discutiu temas tão diversos como a agência racista e seus desdobramentos macabros; os impactos da chamada Inteligência Artificial na produção de afetos e sentimentos; o ilusionismo, a omissão e a baixa qualidade da informação manietados pela mídia tradicional; a farsa do empreendedorismo; as fantasias propagadas pelas agências de turismo; o fascismo à brasileira e os assassinatos da ialorixá Mãe Bernardete e da vereadora Marielle Franco; as falácias dos planos de saúde e o lucro exacerbado de corporações empresariais; o efeito de privatizações, o abandono de políticas públicas e a cidade de São Paulo tornando-se refém de gestões públicas questionáveis; a farsa dos

³ De acordo com a 12ª edição do boletim “Desigualdade nas Metrôpoles”, uma publicação trimestral, fruto de uma colaboração entre três instituições: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), INCT Observatório das Metrôpoles e Rede de Observatórios da Dívida Social na América Latina (RedODSAL), a desigualdade brasileira aumentou em 2022, apesar da recuperação da remuneração média. Aqueles que recebem mais tiveram maior avanço em suas rendas, enquanto o ganho dos mais pobres estagnou. Os dados apontam que os 10% mais ricos ganham 31 vezes o salário dos mais pobres nas regiões metropolitanas. O Boletim “número 15” apontou que as cinco metrôpoles brasileiras mais desiguais no 4º trimestre de 2023 foram João Pessoa, Aracaju, Salvador e Teresina, todas elas pertencentes à região Nordeste do Brasil (Salata; Ribeiro, 2023).

direitos humanos no sistema prisional brasileiro e nos bairros empobrecidos; a violência sexual e a dominação de gênero contra as mulheres; os privilégios da branquitude.

No exercício poético e político de seus textos, problematiza a corrupção, o clientelismo, o favoritismo, o lucrismo insaciável, a dominação de classe, a agenda neoliberal, as desigualdades e o racismo, que como se sabe não é apenas um discurso, mas a estrutura de onde se originam os discursos da colonialidade. Acompanhando Achille Mbembe (2014, p. 40),

O negro não existe, no entanto, enquanto tal. É constantemente produzido. Produzir o negro é produzir um vínculo social de submissão e um *corpo de exploração*, isto é, um corpo inteiramente exposto à vontade de um senhor, e do qual nos esforçamos para obter o máximo de rendimento (Mbembe, 2014, p. 40).

Ao refutar o “mercado”, a mídia comercial macho-branca e se insurgir contra a vergonhosa concentração de renda, Marilene Felinto resiste à colonialidade e suas técnicas de expropriação de vantagens políticas e econômicas e, sobretudo, reencena poética necessária para reencantar a vida. Isso não se faz sem humanizar o mundo, num processo de mútuo reconhecimento, que não é uma outorga, senão uma conquista mediante luta e enfrentamento político.

Há que se romper com as máscaras brancas e lutar por um novo humanismo; desmontar privilégios, rebelar-se contra os espaços sociais estereotipados e à máquina de matar do Estado, insurgir-se contra as faces perversas da colonialidade.

Marilene Felinto nos impele à reparação ao racismo, tenha o nome que tiver, decolonialismo, aquilombamento, racismo estrutural ou forma social. O que importa é que não seja “discussão inócua para quem, por ter pele preta, já foi e continua sendo barrado na portaria do prédio, do hotel, do hospital, da empresa, do restaurante, do aeroporto ou do avião” (Felinto, 2023c, n.p.).

Referências

BARTHES, Roland. *O grau zero da escrita*: seguido de novos ensaios críticos. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BUTLER, Judith. *Quadros de guerra*: quando a vida é passível de luto? Tradução de Sérgio Tadeu de Niemeyer Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2017.

DIAMANT, Fernanda. “Marilene Felinto é a décima autora confirmada da Flip”. *Folha de São Paulo*. Ilustrada. Livros. Flip. 02 maio 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/05/marilene-felinto-e-a-decima-autora-confirmada-da-flip.shtml#:~:text=A%20escritora%20brasileira%20Marilene%20Felinto,que%20recebeu%20o%20pr%C3%AAmio%20Jabuti>. Acesso em: 12 dez. 2024.

ECO, Umberto. *O fascismo eterno*. Rio de Janeiro: Record, 2018.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

FELINTO, Marilene. *As mulheres de Tijucopapo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

FELINTO, Marilene. *Autobiografia de uma escrita de ficção*. Ou: por que as crianças brincam e os escritores escrevem. São Paulo: Edição da autora, 2019.

FELINTO, Marilene. A Folha envelheceu mal. *Folha de São Paulo*, Ilustríssima, 22 fev. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2022/01/a-folha-envelheceu-mal.shtml> Acesso em: 10 ago. 2024.

FELINTO, Marilene. Das chuvas de fevereiro, ficou um mar de lágrimas. *Gama Revista*, 28 fev. 2023a. Disponível em: <https://gamarevista.uol.com.br/colunistas/marilene-felinto/das-chuvas-de-fevereiro-ficou-um-mar-de-lagrimas/> Acesso em: 10 ago. 2024.

FELINTO, Marilene. Domingo é tempo para as piores conclusões. *Gama Revista*, 28 jul. 2023b. Disponível em: <https://gamarevista.uol.com.br/colunistas/marilene-felinto/domingo-e-tempo-para-as-piores-conclusoes/> Acesso em: 10 ago. 2024.

FELINTO, Marilene. Um espetáculo macabro. Marilene Felinto. *Gama Revista*, 23 maio 2023c. Disponível em: <https://gamarevista.uol.com.br/colunistas/marilene-felinto/um-espetaculo-macabro/> Acesso em: 10 ago. 2024.

FELINTO, Marilene. Chinelar, aprender como faxineira. *Gama Revista*, 31 out. 2023d. Disponível em: <https://gamarevista.uol.com.br/colunistas/marilene-felinto/chinelar-aprender-como-faxineira/> Acesso em: 10 ago. 2024.

FELINTO, Marilene. Um detalhe jurídico autoritário e obsoleto. *Gama Revista*, 11 ago. 2023e. Disponível em: <https://gamarevista.uol.com.br/colunistas/marilene-felinto/um-detalhe-juridico-autoritario-e-obsoleto/> Acesso em: 10 ago. 2024.

FELINTO, Marilene. Falta a eles sentir o sofrimento dos outros. *Gama Revista*, 12 jul. 2023f. Disponível em: <https://gamarevista.uol.com.br/colunistas/marilene-felinto/falta-a-eles-sentir-o-sofrimento-dos-outros-como-se-fosse-o-deles/> Acesso em: 10 ago. 2024.

FELINTO, Marilene. De Mãe Bernadete e Rosa Weber. *Gama Revista*, 25 ago. 2023g. Disponível em: <https://gamarevista.uol.com.br/colunistas/marilene-felinto/de-mae-bernadete-e-rosa-weber/> Acesso em: 10 ago. 2024.

FELINTO, Marilene. Quem quer sentimento? *Gama Revista*, 28 abr 2023h. Disponível em: <https://gamarevista.uol.com.br/colunistas/marilene-felinto/quem-quer-sentimento/> Acesso em: 10 ago. 2024.

FELINTO, Marilene. Morte às vidas severinas na universidade. *Gama Revista*, 29 dez. 2023i. Disponível em: <https://gamarevista.uol.com.br/colunistas/marilene-felinto/morte-as-vidas-severinas-na-universidade/> Acesso em: 10 ago. 2024.

FELINTO, Marilene. Que março seja mês das mulheres não é em vão aqui. *Gama Revista*, 30 mar. 2023j. Disponível em: <https://gamarevista.uol.com.br/colunistas/marilene-felinto/que-marco-seja-mes-das-mulheres-nao-e-em-vao-aqui/> Acesso em: 10 ago. 2024.

FELINTO, Marilene. Quando morrem as mulheres extraordinárias. *Gama Revista*, 14 jun. 2024a. Disponível em: <https://gamarevista.uol.com.br/colunistas/marilene-felinto/quando-morrem-as-mulheres-extraordinarias/> Acesso em: 15 jul. 2024.

FELINTO, Marilene. A busca inglória por um pardo legítimo. *Gama Revista*, 15 mar 2024b. Disponível em <https://gamarevista.uol.com.br/colunistas/marilene-felinto/a-busca-ingloria-por-um-pardo-legitimo/> Acesso em: 15 jul. 2024.

FELINTO, Marilene. Mãe de suposto bandido se apresenta como “mamãe” para o filho, em público, desafiando a farsa dos direitos humanos. *Gama Revista*, 23 fev. 2024c. Disponível em: <https://gamare->

vista.uol.com.br/colunistas/marilene-felinto/mae-de-suposto-bandido-se-apresenta-como-mamae-para-o-filho-em-publico-desafiando-a-farsa-dos-direitos-humanos/ Acesso em: 15 jul. 2024.

FLIP - Festa Literária Internacional de Paraty. Flip 2019 “Cansação”, com Marilene Felinto. *YouTube*, 16 jul 2019. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=PWFHdJJGyXs&t=1831s> Acesso em: 06 nov. 2024.

FERNANDES, Alexandre. Notas para decolonizar a metodologia de pesquisa ou sobre fazer a metodologia gozar. In: FERNANDES, Alexandre; SOUZA, Marcos Lopes de; PEROVANO FILHO, Natalino. (Org.). *Metodologias contracoloniais em relações étnicas raciais e de gênero*. Curitiba: Appris Editora, 2023.

HENRIQUE, Guilherme. Flip 2019. “Justiça social continua sendo uma urgência para o Brasil”, afirma Marilene Felinto. *Le Monde Diplomatique Brasil*. 10 jul. 2019. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/justica-social-continua-sendo-uma-urgencia-para-o-brasil-afirma-marilene-felinto/> Acesso em: 06 dez. 2024.

MBEMBE, Achille. *Crítica da Razão Negra*. São Paulo: N-1 edições, 2014.

MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. *Cadernos de Letras da UFF*, n. 34, p. 287-324, 2008.

MOMBAÇA, Jota. *Não vão nos matar agora*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

SALATA, Andre Ricardo., RIBEIRO, Marcelo Gomes. *Boletim Desigualdade nas Metrôpoles*. Porto Alegre/RS, n. 12, 2023 Disponível em: <https://www.observatoriodasmetropoles.net.br/> Acesso em 06 dez. 2024.

SPYER DULCI, Tereza M.; ROCHA MALHEIROS, Mariana. Um giro decolonial à metodologia científica: Apontamentos epistemológicos para as metodologias desde e para a América Latina. *Revista Espirales*, v. 5, n. 1, p. 174–193, 2021.

TIBURI, Márcia. *Como conversar com um fascista*: Reflexões sobre o cotidiano autoritário brasileiro. 9. ed. Rio de Janeiro: Record, 2017.